

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

REDAÇÃO, 6, rue Saint-Petersbourg
Assinaturas

ANNO. 25 francos

SEMESTRAL. 12 "

AVULSO. 1 "

Se não de tempo 15 francos por semestre e 30 francos por anno.

2.^o Anno. — Volume II. — Numero 14.

PARIS 20 DE JULHO DE 1885

Director: MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 70, R. do Ouvidor.
Assinaturas

ANNO. 12,000

SEMESTRAL. 6,000

ANNO. 12,000

AVULSO. 500



O CHOLERA EM HESPAÑA

A VACINAÇÃO ANTI-CHOLERICA DO DR. FERRAN, NAS PROVÍNCIAS DE MURCIA

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA

EM ANVERS

No próximo número da Ilustração publicará diferentes gravuras representando a exposição portuguesa na Exposição universal de Anvers.



O GRUPO DO « BAS-RHIN »

QUANDO esta chronica tiver apparecido, já estará longe de Paris, sob o mesmo céu que viu nascer Daudet, sob o mesmo céu onde vive Mistral — um dos fiéis, um dos firmes, d'esta cervejaria que já hoje é celebre como centro de portuguezes e brazileiros que frequentam em Paris o bairro latino, o *paiz latino*, como dizia Murger. Refiro-me a Antonio Ramalho, o brilhante paysagista que os leitores da Ilustração conhecem de sobejo, e que parte para Montpellier onde vai estudar o campo que tão habilmente tem descripto em varias telas, para mandar de quando em quando para Paris uma obra, e d'aqui a alguns annos alguma obra-prima — por que a isso ha de chegar o seu talento.

Hontem, á porta d'este *Bas-Rhin*, na companhia muda d'um *bock*, ao lembrar-me da partida de Ramalho, fui pouco a pouco recordando o espaço que durante tres annos este café tem occupado na minha existencia. E pouco a pouco me surgiram figuras amigas, doces e rissonhas evocações de companheiros que há muito não vejo, de scenas alegres que nunca mais tornarei a presenciar.

Quando cheguei a Paris, em junho de 1882, o *Bas-Rhin* ainda andava cheio da saudosa memoria de Guilhermo d'Azevedo. E os seus ditos corriam de bocca em bocca, e raros são os homens que morrem deixando na memoria de todos quantos d'elles se approximaram uma recordação tão viva, tão respeitosa, tão amiga... D'estas sciencias em que elle era eminente, lembrome agora d'uma, bastante original. Offerecera a um nosso compatriota um premio de cem francos, se elle lhe dissesse em que caso se podia destruir o apothorismo portuguez. Não ha fumo sem fogo — «por que ha fumo sem fogo!» afirmava Guilhermo.

O compatriota levou muitos dias e muitas noites a pensar no assumpto, atalhado pelos cem francos. Apenas elle entrava no *Bas-Rhin*, logo Guilhermo:

— Então, nosso amigo, qual é o fumo onde não ha fogo?

— É o fumo que sai do estirpe...

— Não senhor!

— É o fumo que sai da bocca da gente, no inverno...

— Não senhor! Já vejo que não tem vontade

de ganhar cem francos! É o fumo... d'um chapéu... quando alguém... anda de luto... Quando alguém... anda de luto... Ora ahí está!

N'essa epocha Bettencourt Rodrigues — um illustre estudante de medicina — dava *rendez-vous* todas as noites no café. Bettencourt pertence a uma raça especial de portuguezes que tem o genio da conversação. E como seu irmão José Julio Rodrigues, como Jayme Batalha Reis, como Carlos Meyer, como João Burnay, como Manuel de Macedo, como Julio Machado, como Bordinho Pinheiro. De quem mais se aproxima é de Carlos Meyer.

É um medico forrado de literato. O assumpto saído da sua bocca toma aspectos imprevistos. É uma chronica fallada. Se algum tchigrapho a recolhesse no papel, não é de crer que a chronica fosse uma maravilha litteraria. Faltar-lhe-ia a expressão physionomica do conversador, o seu olhar, o movimento dos musculos da face, as linhas diversissimas dos labios, os gestos dos braços, os trejeitos das mãos, que é para a converso o que o *estylé* é para a chronica.

Se n'um medico o bom aspecto da physionomia e da converso é meia cura pela sympathia que inspira ao doente — Bettencourt terá um successo extraordinario quando for medico.

Ao lado de Bettencourt, encontrei Trigueiros de Martel. Em Portugal imaginam que o distincto redactor do *Seculo* é um tigre! Pois em Paris, ao lado de Bettencourt, Martel é uma pomba... Trigueiros de Martel — que elle me perdõe a terrivel revelação! — é o leitor assiduo do *Rappel*, o admirador entusiasta de Augusto Vacquerie; Bettencourt Rodrigues é o leitor assiduo do *Intransigent*, o admirador entusiasta de Henri Rochefort. O *Rappel* é uma caixa de pómada, ao lado do *Intransigent* — uma caixa de nítro-glicerina! Que não impede que Bettencourt e Martel sejam dois amigos para a vida e para a morte...

Por esse tempo (em 1882), Arthur Loureiro vivia em Brolles, mas nem por isso deixava de vir todas as quinzenas beber um *bock*, com os amigos, a Paris. Arthur Loureiro tambem já partio... para muito longe... para a Australia, na companhia da esposa e dos filhinhos. Columbano e eu andavamos todas as tardes uma legua para irmos beber o *vermouth* ao café onde Musset passara as noites a absinthar-se. De tempos a tempos apparecia Saloméo Saragga no *Bas-Rhin* para jogar uma partida de bilhar. Porque o Saragga é amador, e holas a recuar, meus amigos, aquillo só visto, nunca lhe fallou nem uma Mas a partida nunca chegava ao fim. Apenas apparecia o Cohen, um distincto alumno de Renan, no Collegio de França, sobrando livros escriptos em hebraico, em phenicio — que sei eu! — caracteres em forma de biscoito que só elle e o Renan são capazes de decifrar — era um nunca acabar de discussões por causa da interpretação do já mencionado biscoito...

Ainda tenho atravessada nas guelas uma d'estas partidas. Era ás cincoenta. Eu tinha trinta e cinco, e estava encetando uma gloriosa serie que me garantia a victoria. Entra o Cohen, e diz para os ouvidos do Saragga:

— Você quer saber? O Champollion affirmava que... O Mariette-bey tambem affirmava que... Mas hoje o Oppert asseverou que...!

— Pois o Oppert asseverou que...!!?

E foi-se a minha rica partida!... E Saragga, e Cohen, e Columbano tambem já dispersaram!

Mais tarde appareceu no *Bas-Rhin* Lopes Trovão. Era no começo do inverno.

Ainda o estou vendo, muito alto, tão alto que chegou a ofuscar a legendaria altura do Cohen. Com todos os recios pelos invernos do norte, appareceu-nos metido n'um casaco de pellos erigidos que pezava para cima d'uma arboia; os cabellos em desalinho, «uma cabeça hoffmannica», como elle proprio dizia; um enorme monoculo a brilhar na caverna do olho direito; gesticulando, fallando — um esplendido typo de agiador popular, voz cantada, phrase cheia e elegante, gesto largo e insinuante.

Uma noite, o Trovão, o Bettencourt e eu fomos assistir a um *meeting* de socialistas. Assembléa tumultuosa e turbulenta. Por quatro vezes se constituiram mezos diferentes. E raro foi o orador que não fosse soccado ou pelo publico ou pela presidencia. As interrupções eram feitas a muro no nariz do tribuno e a pontapé em certo sitio... Trovão n'essa noite ficou doente. Todo o seu desejo era subir para o estrado e fallar. Mas fallar para ser entendido por quem? se era uma assembléa de francezes?... E quando terminou o *meeting*, então em plena rua, tendo-nos apenas por ouvintes, foi fallando, fallando, orando mesmo, tendo d'aquellas phrases inspiradas que causam arrepios a uma multidão.

Depois appareceu Adelino Fontoura, o correspondente parisiense da *Gazeta da Tarde* do Rio de Janeiro, que foi morrer n'um hospital de Lisboa — pobre e intelligente rapaz! sempre amarello, sempre alquebrado, sempre triste, sem nunca se lhe ver um sorriso, sem nunca ter uma expansão de moço, já-meio vencido pela infame tísica que havia por fim de atirar com elle para a cova...

E Wanderley? Nunca vi rapaz transformar-se tão depressa no mais elegante e no mais correcto *boulevardier*. Alguns patricios chamavam-lhe desdenhosamente «janota», como se fosse «janota», rapaz do mundo, quem muito bem quizesse. A sua paixão era o *sport*. Quando trepava para cima d'um phaeton para guiar dois cavallos galopando por essa avenida do Bosque de Bolonha, os cavallos sabiam que tinham de tratar com quem percebia do officio. E á noite eram famosas as grandes campanhas d'*écarté* ou d'*imperial*, já hoje em desuso de quasi todos, e onde brillavam Wanderley, Villaga, Santos e Ramalho. As vezes o *écarté* derivava n'um *baccaratito*... Mas não era para mal... A maior ruina podia ser de vinte francos. Tambem já partio... e nunca ninguém recebeu novas d'elle, do ingrato!

Tambem partio Lino d'Assumpção, uma alegria perpetua, sempre de bom humor, sempre disposto para a troça, e que de tempos a tempos nos offereceria uns famosos almoços de bacalhau. Porque não sei se sabem que o bacalhau é o prato favorito da colonia portugueza em Paris, o puro bacalhau cozido com batatas, e azeite de oliveira, e cebolla cozida, e um dente d'alho — se não é preciso fallar n'esse dia com senhoras!... Prato favorito, justamente porque é raro, porque em Paris só ha uma casa que venda bacalhau como o nosso, o verdadeiro bacalhau secco, que se deve pôr de molho, de vespera. O bacalhau é o prato de luxo e de sensação em mezas de portuguezes. Que o digam os amigos de Lino, do Visconde d'Azevedo Ferreira e de Domingos de Oliveira...

Um dos almoços de Lino d'Assumpção ficou celebre por causa do azeite. Parecia mentira, mas palavra de honra que não é. Lino tinha em sua casa uma criada portugueza, uma ama secca, de Braga, que não sabia dizer duas palavras em francez. Nunca ia ás compras sem o Lino. Mas passados alguns mezes, já a mulherinha se atrevia a entrar n'uma loja, a olhar para as prateleiras; a apontar com o dedo para o que queria comprar; e a dizer: *De ça? de ça? Pagaya; sahia; o era negocio concluido.*

Um dia, já se estava à meza, quando se viu que faltava azeite para o bacalhau. O Lino tirou da algibeira uma peça de ouro de vinte francos, e disse-lhe:

— Ó ama, vá á mercearia lá de fronte e compre uma garrafa d'azeite.

A ama sacudiu o avental, arranjou a touca, e desceu. Chegou á mercearia; olhou para as prateleiras; viu entre outras garrafas, uma contendo um liquido amarello; azeite, evidentemente; disse o costumado: *de ça! de ça!* apontando para a garrafa; pagou; subiu; entrou na cozinha; abriu a garrafa; deixou o liquido amarello na galheta; e quando o Lino entornou a galheta sobre o bacalhau que fumava entre confilheiras de batatas, e comeu o primeiro bocado — expressão do nojo e horror!...

A ama tinha-se enganado. Em vez d'azeite, tinha comprado uma garrafa de *chartreuse amarello*!...

..

E assim vão desaparecendo pouco a pouco os firmes frequentadores do *Bas-Rhin*. E cada um que parte são dias de tristeza e dias de melancolia, alguma cousa da nossa alma, da nossa vida quotidiana, que fenece, para nunca mais rejuvenescer. Porque só aquellos que tem vivido por muito tempo fóra da patria, é que podem avaliar a união e a amizade que reina entre estas pequenas colonias, atiradas para o centro d'uma multidão indifferente e egoista. E creio que o que apressou a morte a este pobre Adelino Fontoura foi talvez este seu espirito retrahido, bilsonho, nada expansivo, evitando a convivencia, as relações, a amizade ou as sympathias d'aquelles que veio conhecer a Paris; e preferindo viver só, andar só através da cidade, quando viver só fóra da patria é a mais triste das tristezas, um negro soffrimento para o estrangeiro que passa todos os dias e durante mezes por entre milhares e milhares d'individuos, sem encontrar uma unica physnomia que lhe sorria amigamente...

E novos ha muito poucos para formar esta colonia do *Bas-Rhin* que tem sido visitada successivamente por Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz, Jayme de Seguir, Bordallo Pinheiro, Eduardo Garrido, Ferreira d'Araujo, Elyzio Mendes, Arthur d'Azevedo, Brozão, Moura Cabral, Silva Pereira, Raul Mesnier, Cesario Verde e muitos outros. Novos companheiros ha Emilio Ferreira, Vicente Brandão e Joaquim Coimbra, o poeta que Portugal conhece sob o pseudonymo de *Raul Didier*.

Mas as noites do *Bas-Rhin* já não são o que foram ha trez annos, quando Bettencourt morava na rua Cujas, Martel na rua Gay-Lussac, Cohen na rua Champollion, Lino na rua d'Assas, Columbano na rua Campagne-Première, Ramalho e eu na rua das Escolas. Jantava-se então na pessoa da rua Saint-Jacques, ao lado d'um mysterioso russo de monoculo, cabeça de nihilista, que em certos mezes só podia jantar a um franco, e n'outros subia os Campos Elyseos no landau da princeza Touberskoide... Mystérios, inverosimilhanças, pantomimas, dispartes da vida, como só se encontram em Paris.

Essas noites já lá vão, e nunca mais vão de voltar outras iguaes. Estamos todos, trez annos depois, affastados do *Bas-Rhin*; estamos todos entrando lentamente no tranquillo burguezismo da vida — sujeitos que sonham todas as noites com o milhão, já não podendo viver sem quinze dias de praia em agosto, já não podendo viver sem aguda de Vichy ou de Saint-Galmier ao jantar!...

..

Quando agora vamos ao *Bas-Rhin*, o patrão saudá-nos como a pessoas sérias que chegam.

É elle que nos vem limpar a meza, a sorrir-nos, a querer para si a honra de nos servir, de ser o fiel executor dos nossos desejos. E dá-nos conselhos sobre o novo aperitivo que ainda não anda falsificado no commercio; conta-nos como marcham as negociações; lisonjeia-nos com a lembrança de que no nosso tempo, aquillo é que era ganhar dinheiro... Pudém! As contas eram ao mez — e que contas! meu rico Pae do Ceu... E acaba por nos offerecer um copo de cognac, do particular, do d'elle, do fino! É péta!... É do mesmo que vende ao primeiro sujeito que lhe entra no café. Que linorio!...

Do nosso tempo, o primeiro patrão já enriqueceu. O actual era simples creado em 82. E os criados de ha dois annos já são patrões em outras cervejarias do buirro, ou em outros bairros de Paris. E enquanto os criados enriquecem, empobrecem os amos, isto é, os freguezes. Mas dois annos de cervejaria fatigam, fatigam sobre tudo a bolsa...

Agora reparo que todo esse tempo era alegre, era vivo — mas que era tempo perdido. Era necessario acabar com elle, fazer descer o pano sobre a comedia *Macidade*! E o que todos temos feito, todos os alegres companheiros d'essa risonha bohemia. A vida é outra cousa. Será o soffrimento, a dôr, como dizem os pessimistas; mas é negavelmente uma grande cousa, quando todos os dias o individuo tem cumprido com os seus deveres de homem — trabalhando.

D'aqui a seis mezes Ramalho ha de lembrar-se com saudade do *Bas-Rhin*, como se ha de lembrar em Portugal Columbano, na Australia Arthur Loureiro, no Brazil Wanderley. Como o acaso nos separou em tão pouco tempo! Mas ha de ter o regosijo de comprehender, como nós todos já hoje comprehendemos, que outro é o nosso fim, sobre esta bola onde a humanidade forniça.

A calva do patrão do *Bas-Rhin* é um espectáculo que eu não hesito em qualificar de soberbo, que nós todos devemos admirar — um anno ou dois. Mais é prohibido, — mais é uma fatalidade!...

MARIANO PINA.

O NAUFRAGIO

(DO POEMA INEDITO — Camões)

*O mar bramia irado e misterioso,
Era o céu cor de chumbo, e a tempestade
Rugia pela tórva immensidade
Num impeto fatal e tenebroso.*

*No profundo oceano procelloso
A nau se afunda, que o terror invade,
E o abismo abafa prestes sem piedade
Das victimas o coro desditoso*

*E em meio de pavor e furia tanta
Um seio bronzeo e heroico se alevantava
Contra as ondas lutando triumphal,*

*E arrancando do mar ao seio bravo
Dum povo prestes a morrer escravo
A sagrada legenda sepulchral...*

1885.

JOAQUIM DE ARAÚJO.

AS NOSSAS GRAVURAS

PÁGINAS ALEGRES!

A *ILUSTRAÇÃO* tem procurado sempre apresentar aos seus leitores o movimento artistico da França, apresentando-lhes por meio da gravura e da photogravura a reprodução de quadros modernos dos mais brilhantes artistas que todos os annos figuram no Salon de Paris. Também temos dado por varias vezes chronicas parisienses, desenhadas pelo lapis espirituosissimo de Mars. Hoje inauguramos um novo genero de paginas, que estamos certos vão ter grande successo entre os nossos leitores, *PÁGINAS ALEGRES!* Eis o título geral dos novos desenhos que vamos apresentar. É uma escriptura esvelta de paginas de caricatura impessoal, paginas para rir, alegres, ironicas, mas sempre inoffensivas. Temos na maior consideração o publico que nos lê, para não praticarmos a inconveniencia de dar publicidade a uma pagina que poderse offender a vista, que fizesse com que a *ILUSTRAÇÃO* deixasse de correr aberta por cima de todas as mezas e de todos os pianos.

O Riso nunca foi immoral, e o Humorismo nunca offendeu o pudor. As nossas *PÁGINAS ALEGRES* são historias d'aventuras comicas, de scenas ridiculas, tratadas todas com grande elegancia, e não saindo em nada para fóra das nossas tradições artisticas. D'estas paginas daremos uma em cada numero, sempre escolhidas dos melhores desenhadores de Paris. A que hoje damos é uma historia muda, assignada Carlos d'Ache. Este artista que é um dos collaboradores do *Monde illustré*, é também um espirituoso collaborador da *Caricatura*. Ultimamente tem creado uma celebridade com historias que elle conta, com uma simplicidade e uma graça adoraveis, historias onde não curram legendas que expliquem o phantastico assumpto, onde apenas o lapis se encarrega de nos contar as aventuras ainda as mais complicadas e as mais espirituosas.

Estamos certos que os nossos leitores nos hão de ficar gratos pela novidade que a *ILUSTRAÇÃO* lhes vai offerecer regularmente.

O CHOLERA EM HESPAHHA

Deixei de ter em 1884 dominado implacavelmente em França, grassando com grande intensidade em Toulon e em Marselha chegando mesmo a fuxar a sua aparição em Paris — eis que de novo surge em Hespanha, onde tem feito milhares de victimas.

Um dos paizes que em maior sobresalto se tem visto, é Portugal. Visinho da Hespanha, o governo portuguez para salvar o paiz d'um tão grande flagello, tem-o isolado por meio de rigorosos cordões sanitarios e de rigorosas quarentenas. As medidas do governo tem sido mesmo severissimas. Ainda o anno passado chegaram a senatural-ó acerca das quarentenas impostas a todas as proveniencias de França. Ora nós, apesar de termos sido ainda o anno passado prejudicados nos nossos interesses pelas quarentenas impostas ás mercadorias sahidas de Bordéus com destino a Lisboa, nem por isso deixamos de o applaudir por todas as medidas que tomam de se adoptar. É necessario assistir, como nós assistimos, a todos os desastres que o cholera produzio em França para avaliar quanto não bem cabidas todas as resoluções tomadas pelo governo portuguez. E depois, Portugal é um paiz que não pode dispôr, n'um caso de cholera, dos recursos que existem em França; e o estado de saneamento de Lisboa comparado com o de Paris, seria ainda um terrivel auxilio para o desenvolvimento d'uma epidemia.

A *ILUSTRAÇÃO* acompanhou o anno passado, com variadissimas gravuras, todas as scenas a que o cholera deu lugar em França. Os nossos leitores encontrarão essas paginas d'um grande interesse, sob o

ponto de vista dramático, nos números 7 e 9 do primeiro anno da nossa revista. Hoje publicamos uma curiosa composição devida ao lapis do sr. Amlaya e gravada pelo nosso eminente collaborador Ch. Baude. A scena passa-se no campo, nas proximidades de Murcia, onde a epidemia domina com mais intensidade...

Pasteur, aquelle que ainda ha pouco descobrio o remedio para combater a hydrophobia e cujo retrato a ILUSTRAÇÃO já offereceu aos seus leitores — o dr. Ferran entregou-se o anno pasado a serios estudos sobre o microbio do cholera. Depois de ter feitos dezenas de experiencias não só em animaes mas até nos seus proprios discipulos, o dr. Ferran ape-

que continuasse com as suas experiencias. Mas tal foi o clamor das populações contra o acto do governo, que a Academia teve de apresentar em breves dias, o seu parecer reconhecendo que a vaccina attenuava os effeitos do cholera sem prejudicar a saude dos individuos vaccinados. O dr. Ferran é por tanto aclamado e continúa as suas experiencias. De Fran-



PARIS PITTORESCO. — Aspecto do balcão da « Comedia-Françesa » durante a recita gratuita de dia 14 de julho.

Desejosos de se preservarem do terrivel mal, os camponeses fazem-se vaccinar, pelo systema do dr. Ferran. Apesar do seu odio a todas as inovações, os camponeses resignam-se a téntar a experiencia, na esporaça de escaparem a molestia que tanto os horrorisa.

O dr. Ferran é o grande personagem da actualidade. Admirador entusiasta do illustre chimico francez

nas o cholera se declarou este anno em Hespanha, foi para os lugares onde a epidemia reinava e tratou de vaccinar todos aquelles que confiavam no famoso medico. Os resultados obtidos eram quasi milagrosos; mas como a Academia de medicina de Madrid ainda não tivesse dado o seu parecer sobre a descoberta em questão, o governo hespanhol na pessoa do sr. Canovas del Castillo prohibio ao dr. Ferran

ça, de Inglaterra e da Allemanha partem commissões de medicos para assistirem aos trabalhos do medico hespanhol. E o que é um facto é que na provincia de Valencia já se fizeram vaccinar 4,700 pessoas, e os resultados são os mais precisos, porque nenhuma das pessoas vaccinadas ainda morreu do cholera, e rarissimas são as que teem sido atacadas pela molestia, curando-se com a maior facilidade. No dia em



PORTUGAL. — UMA PAIZAGEM DO RIBA-TEJO. — Desenho de Ramalho. d'uma photographia do sr. Carlos Reivas.

que a epidemia chegar ao seu termo, o dr. Ferran virá a França e irá a Inglaterra para expor as suas theorias e fazer novas experiencias diante da Academia de medicina d'estes dois paizes. Em todas as suas conversas com os jornalistas extranjeiros que o tem ido interrogar, o dr. Ferran faz sempre o elogio de Pasteur, a quem elle chama o seu mestre. Ha pouco ainda disse a um d'elles:

Tem havido dois grandes homens no mundo — Christo e Pasteur, Christo, porque salvou as almas; Pasteur, porque salvou os corpos!

Só um entusiasta hespanhol poderia ter uma phrase tão arrojada...

Depois de termos escripto estas linhas, um incidente bem lastimavel suggerio entre o dr. Ferran e um medico francez.

Os nossos leitores conhecem já de nome o illustre medico Brouardel, de quem demos o retrato quando o cholera grassava em Toulon e em Marselha. Pois o governo francez encurre-o de ir a Hespanha estudar o systema de vaccinação do dr. Ferran e este nega-se categoricamente a mostrar-lhe os seus processos. O dr. Brouardel retirou-se immediatamente para Paris, dando por terminada a sua missão. Quanto ao dr. Ferran, este procedimento que é o mesmo que elle teve para com um medico allemão, tem-lhe proporcionado criticas bem duras. Ou elle tem a certeza da efficacia do seu remedio, e por consequencia nada deve occultar a os seus illustres collegas; ou a vaccina de nada vale, e elle receiando submeter-a á analyse de homens superes, occultou-a, o que é d'um inqualificavel charlatão.

Mas esperemos que elle dê explicações categoricas, acerca das suas reservas e dos seus mysterios da ultima-hora.

NO DIA 14 DE JULHO

O nosso brilhante collaborador Adrien Marie com o espirito e a verdade que sempre caracterizam os seus desenhos, offerece-nos hoje um curioso aspecto do balcão da 1.ª ordem da Comedia-Françesa no dia 14 de julho.

O dia 14 de julho é o da festa nacional da Republica franceza. Das sommas que o Estado e a Municipalidade de Paris dispõem para os grandes festejos, tiram-se sempre varias notas de mil francos para os theatros que abrem gratuitamente as suas portas ao publico. Estes theatros são: Grande-Opera, Opera-Comica, Comedia-Françesa, Odéon e Chatelet, todos theatros subvencionados. Tambem ha theatros de empresas particulares, como o das Nações, Ambigu e outros que dão n'este dia espectaculos gratuitos.

Como é facil de comprehender, por que são theatros mais caros e de maior luxo, o publico afflue em grande quantidade á Opera e a Comedia. No dia 13 á tarde, já ha individuos que tomam resolutamente o seu lugar á porta da rua para terem a certeza de que são os primeiros a entrar e a sentarem-se ou nos fauteuils ou nos camarotes de primeira ordem. Na noite de 13 já se vê uma curiosa multidão provida de tudo quanto é necessario para resistir 24 horas na attitudé aborrecida de quem espera. Cada individuo, sentado no chão, tem a seu lado um cabaz com comestiveis, e para não se aborrecer, uma lanterna para passar a noite na leitura agradável de romances que se alugam a 20 reis por dia... Assim se passa a noite de 13 e todo o dia 14. A policia é encarregada de vigiar esta multidão, de evitar as desordens, porque ás vezes ha sujeitos que desejam tomar os lugares dos que passaram corajosamente uma noite ao luar...

Na Comedia-Françesa representou-se este anno o Ruy-Blas. O publico applaudiu com enthusiasmo todos os actores. Da peça, o que mais o encantou foram as scenas alegres, aquellas onde entra D. Cesar de Bazan, que são splendidamente feitas por Coquelin mais velho.

O nosso collaborador Adrien Marie deixa-nos ver o aspecto d'um pedaço do balcão. Este publico comparado com o publico elegante que frequenta a Comedia, é realmente original. Os homens põem-se á vontade, em mangas de camisa. E as porteiras ap-

parecem com as suas toucas muito engommadas. Mas nem por isso os actores deixam de representar do melhor vontade. Pelo contrario; e alguns d'elles nos tem dito, que tem muitas vezes em muito mais conta as explosões de palmas d'este publico anonymo e ignorante dos caprichos parisienses, do que os applausos postichos d'um publico que vai para o theatro por chic, as mais das vezes para se aborrecer...

Por que razão em Lisboa e no Rio de Janeiro, em dia de festa nacional, os governos não hão de dar uma somma aos theatros, para que estes dêem espectaculos gratuitos? Parece-nos que o povo merece bem que no dia em que a nação festeje a sua independencia os theatros se abram, e possa applaudir as peças de que elle está longe pelo elevado preço d'entrada...

UMA PAIZAGEM DO RIBA-TEJO

O desenho do nosso collaborador Antonio Ramalho é feito d'après uma photographia do sr. Carlos Relvas.

Ha muito que temos desejado encetar uma serie de trabalhos que o sr. Relvas, com a amabilidade fidalgua que o distingue, nos enviou expressamente. Mas se ainda o não fizemos, é porque esperamos obter perfectos ensaios de photogravura, para reproduzir com a maior fidelidade as photographias que temos em nosso poder. Não é só em Portugal, é tambem e principalmente no estrangeiro que o sr. Relvas possui uma brilhante reputação, não só como amador mas tambem como artista. Nem em Paris, nem em Londres se vêem photographias como estas que saem do famoso atelier da Gollegá, levadas a um tão grande escrupulo de execução e de arranjo artistico. Os seus retratos são esplendidos; mas o que surprehende são as vistas, os pontos escolhidos com um cuidado d'artista, as paizagens investigadas e apanhadas em momentos que causariam inveja a Corot.

O nosso collaborador Ramalho ao ver a collecção que o sr. Relvas nos mandou, ficou encantado com algumas photographias, e não resistio ao desejo de reproduzir com a habilidade e a elegancia que o caracterizam, a paizagem do Riba-Tejo. A scena é bem conhecida, para que seja necessario descrevel-a. É um trecho esplendido d'estas margens do Tejo, um soberbo pedaço de natureza, onde se respira a largos pulmões este ar tão puro de Portugal. Para os que estão pertos, a scena pouco ha de interessar. Mas para todos quantos vivem longe da patria, esta pagina ha de ser vista com muita alegria e tambem com muita saudade, por nos vermos tão longe do torrão que tanto amamos...

SERVIÇO DIVINO Á BEIRA-MAR

O successo que as nossas grandes paginas de centro tem obtido entre os nossos leitores, impõe-nos o agradável dever de lhes proporcionar uma grande variedade de gravuras artisticas. Hoje offerecemos-lhes mais uma obra-prima, um quadro que fez epocha em Paris e que andou em exposição pelas primeiras cidades da Europa.

O pintor Edelfelt, natural de Helsingfors, reproduzio uma scena da sua terra. É na Finlândia que elle propõe uma viagem á nossa imaginação. Segue-mol-o e elle-o n'um campo banhado pelos mares septentrionaes, n'esta região longiqua cujo nome significa: paiz dos pantanos.

A sombra d'alguna pinheiras, uma piedosa assembleia, em attitudes recolhidas, escuta a voz do pastor que se eleva docemente acompanhada pelo vago ruído das ondas.

O conjunto d'esta scena é d'um effeito sereno e respeitoso. Tudo ali se harmonisa. Os tons do céu ligam-se com a pallida nuance do mar. N'estas phisyonomias rusticas lê-se uma profunda paz e uma grande fé. Sente-se que um bafo divino passou por sobre este pedaço da terra, e que as palavras d'esperança e de fé que caem dos labios d'este velho pastor lhe são dictadas por uma inspiração que vem de cima...

Falla do céu e das suas alegrias nunca perturba-

das, da felicidade sem fim reservada ás almas puras, das promessas feitas ao seu povo pelo Eterno...

Esta voz elevando-se tranquilla n'este canto poetico da natureza do Norte parece que a illumina com um raio dos céos... O pintor reproduziu com uma grande maestria esta impressão, esta scena d'uma graça mystica, cheia d'um encanto inesperado...

OS PRIMEIROS PASSOS

ODAS as vezes que uma criança entra n'um quadro, a tela adquire logo um encanto particular e irresistivel, e nós nunca fugimos ao prazer de dar publicidade a estas paginas que tanto agradam aos nossos leitores, paginas onde palra, suave e honesta, uma larga poesia humana. Seria motivo para nos accusarem? Não é de certo. Digam o que disserem os celibetarios, a criança rica ou pobre, risonha ou doentinha, é sempre interessante, inspira sempre sympathia, e quando a encontramos n'uma tela tão artisticamente pintada como esta de Jorge Langee, quando fôrma o principal assumpto d'uma scena tão simples e tão ingenia da vida campestre, tendo por decoração uma bella paizagem — o quadro resiste inergicamente a todas as criticas, por que fez vibrar o nosso coração.

A gravura que reproduz este brilhante quadro vem assignada Langee. É o sufficiente para se julgar da verdade e da consciencia com que o artista do burli interpretou a obra do eminente pintor. Langee é como Baudé, Méaulle e Dochy um dos primeiros gravadores de Paris, e que a Illustração conta no numero dos seus collaboradores assíduos.

A TRADUÇÃO DO "GERMINAL"

Esta carta, por todos os motivos correcta e digna, que o sr. Abilio Lobo, director litterario da Illustração Universal, dirigio ao nosso director Mariano Pina. A satisfação não podia ser nem mais completa, nem mais cavalheiresca. Faz honra ao sr. Abilio Lobo.

Lisboa 26 de junho de 1885.

Ex.^{ma} sr.

Só n'este momento, me chegou ás mãos a carta de V. Ex.^a com data de 21 do corrente.

Tendo V. Ex.^a feito justiça ao meu caracter, apressamo-me a dar-lhe as informações que na sua carta parece desejar.

Apezar do meu nome figurar na cabeça da Illustração Universal com a designação de director litterario, eu apenas tenho conhecido, antes da sua publicação, os meus artigos, sempre firmados com o pseudonimo de Ivanvitch.

Nada sei da questão ventilada entre V. Ex.^a o Ex.^{mo} sr. Sousa Pinto e o Ex.^{mo} sr. Barros Lobo, a respeito do preço porque foi comprado o direito da tradução em portuguez do romance *Germinál*, de Emílio Zola, e portanto não posso apreciar a exposição que da questão V. Ex.^a me faz na sua carta.

Reconhecendo a V. Ex.^a como a todos reconhecço, o direito de defeza, n'esta mesma data communico ao director-gerente da Illustração Universal para que o leve ao conhecimento dos mais redactores d'esta publicação, que exijo a publicação no primeiro numero da Illustração Universal da carta de Emílio Zola transcripta por V. Ex.^a na que me dirigio, ou a minha eliminação da sua camaradagem jornalista.

Não ficando V. Ex.^a satisfeito com estas informações e desejando explicações de qualquer ordem, fico aqui esperando as resoluções de V. Ex.^a

De V. Ex.^a
com toda a consideração,
ABILIO LOBO.



SERVIÇO DIVINO À BEIRA-MAR — Quadro de Edelfelt.

OS VICIOS DO CAPITÃO

Pouco importa o nome da cidade em que a província para onde o capitão Mercadier — trinta e seis annos de serviço, vinte e duas campanhas, trez feridas — se retirou quando lhe deram a reforma.

Paradeia-se com todas as cidades que pedem, sem nunca o alcançar, um ramal de caminho de ferro; como se não bastasse para única distração dos indigenas ir todos os dias, á mesma hora, para a praça da Fonte, ver chegar ao grande galope a diligencia, com o ruído alegre dos estalos do chicote e dos guias. Contava trez mil habitantes, a que a estatística chamava ambiciosamente almas. Possuia estradas bordadas d'arvores; um lindo rio para pescar á linha; e uma igreja do mais bello estylo gothico. Todas as segundas feiras, enchia-se das grandes guardas-chaves azues e encarnadas da feira, e as gentes do campo chegavam á praça em carros e a cavallo; mas, no resto da semana, recahia com delicia no silencio e na solidão que tanto era do agrado da população dos burguezes. As ruas da cidade eram todas calcetadas com grandes batos; e á altura dos *rez-de-chaussee* viam-se quadros bordados a cabella, e ramos de flores de laranja dentro de mangas de vidro; e pelas meias portas dos jardins estatuetas de Napoleão. A principal hospedaria da terra chamava-se *Escudo de France*, e o recebedor do registro rimava acrosticos para as damas da boa sociedade.

O capitão Mercadier tinha escolhido esta residencia de reformado pela razão frivola de que era ali que tinha sido dado á luz, e de que, na sua agitada infancia, tinha rasgado muito cartaz e puchado por muito cordão de campainha. E como não lá ia encontrar nem parentes, nem amigos, nem conhecidos, e as recordações da sua meninice só lhe deixavam ver caras indignadas de logistas, que o ameaçavam com muros ás portas dos estabelecimentos, um catecismo onde o ameaçavam com o inferno, uma escola onde lhe prophetisavam o cadafalso, e, finalmente, a sua *paróquia* para o regimento apressada por uma maldição paterna.

Porque não era um santo homem o capitão. A sua antiga folha de punições era negra de dias de sala de correção, infligidos por aces d'indisciplina, faltas ás chamadas e barulhos de noite nos dormitorios. Várias vezes estiveram para lhe arrancar os galões de cabo e de sargento, e foi-lhe preciso todo o acaso e toda a licença da vida de campanha para ganhar enfim a sua primeira dragona. Mas duro e bravo soldado; passara quasi toda a sua vida na Algeria. Tivera Lamoricière por commandante; o duque de Nemours, ao pé do qual recebeu o primeiro ferimento, condecorou-o; e quando era sargento-mór, Bugeaud chamou-o pelo seu nome e puchou-lhe ás orelhas. Fôra prisioneiro de Abdel-Kader, trazia vestígios d'um golpe de yatagan sobre a nuca, d'uma bala na espada e d'uma outra na coxa; e não obstante o absynthio, os duellos, as dividas de jogo e as juizas de olhos pretos em amendoeira, tinha penosamente conquistado, á ponta da bayoneta e do sabre, o seu grau de capitão no 1.º regimento de atiradores.

O capitão Mercadier — trinta e seis annos de serviço, vinte e duas campanhas, trez feridas — acabava pois de obter a sua pensão de reforma, quasi dois mil francos, que, juntos aos duzentos e cincoenta francos da condecoração, o punha n'este estado de miseria honrosa que o Estado reserva aos seus velhos defensores.

A sua entrada na cidade natal foi exempta de fastio. Chegou, uma manhã, sobre a almofada da diligencia, mordendo um charuto apagado,

já malto ligado com o condutor a quem, durante o trajecto, tinha contado as suas aventuras miliares; cheio d'indolencia de resto para com as distincções do seu auditor, que o interrompia muitas vezes com uma blasphemia ou com um insulto ao cavallo da direita. Quando a careugem parou, atirou para acima do passeio com a velha malta, manchada de eniquetas de caminhos de ferro; e os ocinços das proximidades ficaram embastucados por verem um homem condecorado — couso ainda raro na provincia — offerecer vinho branco ao cocheiro, sobre o balcão da taverna mais próxima.

Installou-se summariamente. N'um caso no extremo da cidade, onde mugiam duas vacas presas com as galinhas e os patos passavam e repassavam por debaixo da porta, um quarto mobiliado estava para alugar, — uma vasta peça forrada de papel onde havia pintados assumptos militares. Esta decoração monotonica, mas que lhe trazia á idea gloriosa passada, seduzio sem duvida o capitão, porque, sem se inquietar do pouco conforto da mobilia, concluiu o seu negocio. Um quarto d'hora bastou-lhe para despejar a malta, dependurar o futo, pôr a um canto as botas, e orar a parede com um trophéo composto de trez cachimbos, d'um sabre e d'um par de pistolas. Depois d'uma visita ao merceiro de frente, onde comprou meio kilo de velas e uma garrafa de rhum, voltou, collocou o embrulho sobre o fogão, e passou em torno de si o olhar d'um homem satisfeito. Depois, com a promptidão dos acampamentos, barbeou-se sem espelho, escovou a sobrecasaca, inclinou o chapeo para cima da orelha, e foi passear pela cidade em busca d'um café.

II

Estar mettido no café era um habito inveterado no capitão. Satisfazia ali, d'uma vez, os seus trez vicios: o tabaco, o absynthio e as cartas. Foi onde se passou toda a sua vida, e poderia fazer, de todas as cidades onde esteve em guaraição, um plano exacto de todas as tabacarias, cafés e clubs militares. Só se sentia á vontade quando se sentava no velludo gasto dos bancos, diante d'um papno verde, em frente de pilhas de pites e montanhas de copos. O charuto não lhe saberia bem, se não acendesse o phosphoro sob o marmore da mesa, e nunca deixara, depois de ter posto de lado a espada e o kapi, e de ter desabotoado o capote, de soltar um profundo suspiro de alivio e exclamar:

— Isto assim vai muito melhor!

O seu primeiro cuidado foi portanto de procurar o estabelecimento que havia de frequentar; e, depois de ter dado a volta á cidade sem nada encontrar que lhe agradasse, parou enfim o seu olhar de conhecedor sobre o café Prosper, situado no angulo da praça do Mercado e da rua da Parochia.

Não era bem o seu ideal. O exterior offerecia alguns detalhes demasiadamente provincianos. Mas o interior agradou ao capitão. Ficou alegre desde que entrou, com o som da campainha que tocou a porta e fresca dama do balcão, de vestido claro, com um lago de fitas nos cabellos bem empomados.

Fez um cumprimento galante á dama e vio que ella occupava, com bastante magestade, o seu lugar triumphal, entre os edificios de garrafas e de copos que lhe ficavam aos lados. Reparou que a sala era alegre, propria, igualmente semeada d'areia amarella; percorreu-a, vio passar a sua imagem nos espelhos, analysou as pinturas, onde mosquiteiros e amazonas saboreavam champagne em palçagens cheias de rosas; fez-se servir, fumou, achou o divan fôfo e o absynthio saboroso, e foi até indulgente porque não se queixou das monxas que tomavam banho nas bebidas com uma familiaridade propria do campo.

Um dia depois, em um dos atticos da casa Prosper.

Confundiam-lhe logo a p'ncipalidade em todos os netos e habitos; adivinhavam-lhe os desceps, e dentro d'um tempo como e em os domos do estabelecimento. Achado preparado para os frequentadores, indivíduos moi pulados pelo terrível aborrecimento da provincia para os quaes a chegada d'este novo frequez, mestre em todos os jogos e contanto alegremente as suas guerras e os seus amores era coisa inestimável. O capitão ficou entao encanado por encontrar humanos ainda ignorantes do seu repertorio. Levou portanto seis meses a contar as suas p'ncipaes caçadas, as batalhas, a retirada de Constantino, e as recepções d'esticione com a espantosa totalidade de panchos feitos com kirsch.

Fraqueza humana! Não desgostou de ser um pequeno oráculo em algum sino, elle de quem os aloures chegados de São-Caro fugiam oitavos, quando contava as suas longas historias.

Os auditores ordinarios eram o dono do café, gorda pipa de cerviça silenciosa e esbaldada, sempre em mangas de camisa e notavel apenas pelas seus cachimbos esculpidos; um empregado do tribunal, personagem embriente e vestido de preto, despedido pelo seu costume pouco elegante de metter no algebeiro o resto do assucar; o recebedor do registro, — o dos acrosticos, — creatura muito doce e d'uma fraca constituição, que mandava aos jornaes illustrados a solução de todas as charadas e enigmas; e enfim o veterinario do campo, o unico que, na sua qualidade de atheu e de democrata, se permitto algumas vezes contradizer o capitão. Este pratico, homem de suaves assonrados e luneta, presidia á assembléa radical na epocha das eleições, e quando o abbaite fazia alguma collisita entre os seus devotos para aboornar a egreja d'alguma horivel estatueta de gesso dourado e pintado, denunciava por meio d'uma carta ao Secréto a cabala dos tillos de Loyola.

O capitão tendo sahido uma noite para ir buscar charutos, depois d'uma discussão politica bastante viva, o supra citado veterinario resmungou algunos phrasas surdas e irritadas onde se tratava de «dizer o que sentia», de «fanzão d'espalla», e de «lhe parir a cara». Mas como o alvo destas vagas ameaças entrasse de repente, assobiando uma marcha e fazendo molinho com a bengala, o incidente não teve outras consequencias.

Em summa, o grupo vivia em boa intelligencia e deixava-se presidir pelo novo frequez, cuja cabeça marcial e a barba branca eram na verdade bastante imponentes; e a cidade, que era já orgulhosa de possuir muito coisa, podia tambem sel-o do seu capitão reformado.

III

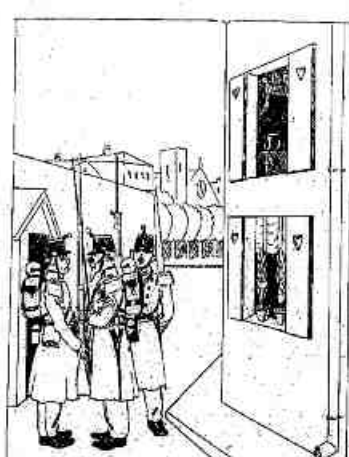
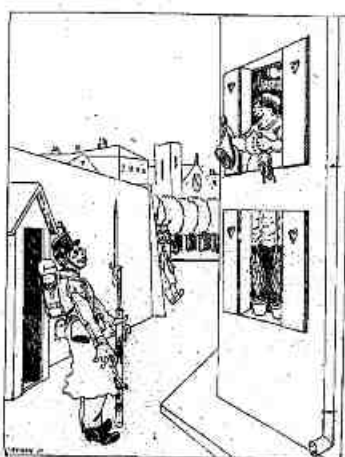
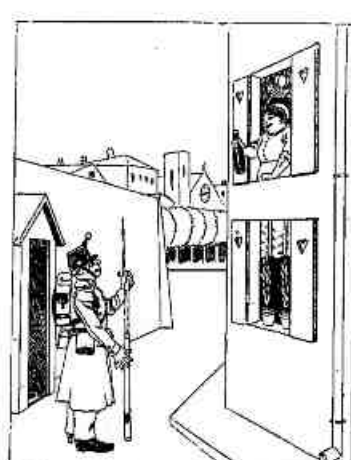
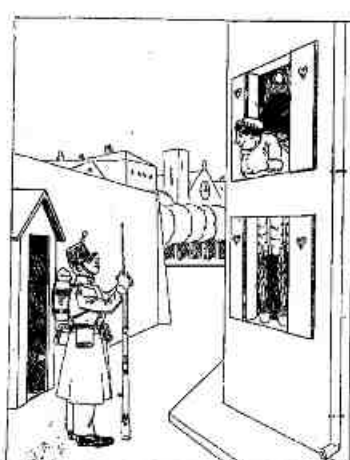
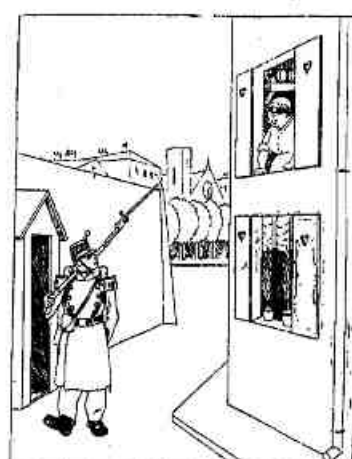
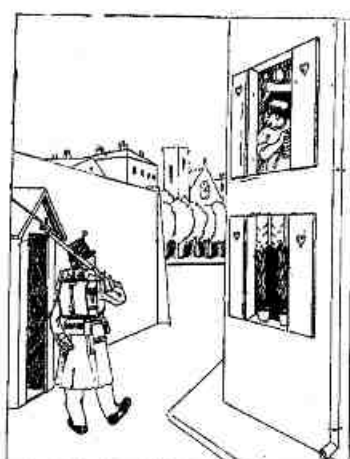
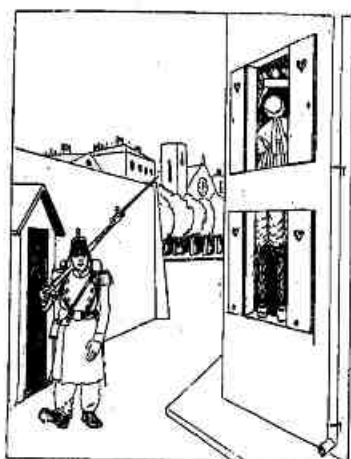
A felicidade completa não existe, e o capitão Mercadier, que julgava tê-la encontrado no café Prosper, teve que voltar bem depressa d'esta doce illusão.

O facto é que na segunda-feira, dia do mercado, o café era insupportavel.

Desde a madrugada, era invadido pelos feirantes, pelos camponeses, pelos vendedores de porcos, vendedores de aves; individuos de voz grossa; gordos peçoços maravilhos, grosso chicote na mão, de blusa nova e bonnet de loutro, batendo com o pé, dando gritos, tratando p'ntu o criado, e rasgando o bicho.

Quando o capitão chegou ás onze horas para absover o primeiro absynthio, achou toda essa gente já embriagada e encommendoando simocos consideraveis. O seu lugar habitual estava tomado; serviam-no lentamente e mal; o papno e o criado, de guadalupa no braço, corriam como doidos. Haviam, era um dia nefasto e que punha em desordem a sua existencia.

SIC VOS NON VOBIS, — por CARAN D'ACHE





OS PRIMEIROS PASSOS. — Quadro de Jorge Langae

Ora, uma segunda-feira de manhã que elle se deixou ficar em casa, certo de que o café estaria cheio e tumultuoso, um doce raiou de sol do outommo deslizando a descer e a sentar-se no banco de pedra collocado ao lado da porta da casa. Estava ali, bastante melancolico e fumando um charuto humido, quando viu vir do fim da rua, — era uma rua mal calçada e dando para o campo, — uma meia dúzia de patos guardados por uma rapariguita de oito a dez annos.

O capitão, parando o seu olhar distraído sobre esta creança, viu que ella tinha uma perna de pau.

Nada havia de paternal n'este coração de velho tarimbado. Era o de um celibatario endurcido. Quando outrora, nas ruas d'Alger, os pequenos mendigos arabos o perseguiram com as rézas importunas, o capitão sahia vezes os dispersava com uma chicotada; outras vezes que penetrara na menage nominal d'um camarada casado e pai de familia, sahia sempre vociferando contra os peizos chorosos e sujos, que tinham tocado com as mãos untadas nos dourados do seu uniforme.

Mas o espectáculo d'esta enfermidade particular, que lhe lembrava o doloroso espectáculo das feridas e das amputações, commoveu com tudo o velho soldado. Quasi que sentiu uma dor no coração diante d'esta pobre creatura, trazendo apenas sobre o corpo uma camisa e uma saia, e correndo vivamente atraz das patas, o pé descolto na poeira, coxeando sobre o tócco pedaço de madeira.

Os patos, reconhecendo o seu domicilio, entraram para o pátio, e a criança continuava a segui-los, quando o capitão a fez parar com esta pergunta:

— Eh! rapariga, como te chamas?

— Pierrette, uma sua criada, — respondeu fixando n'elle os grandes olhos pretos, e afastando da testa os cabellos em desordem.

— Tu pertences á casa? Ainda te não tinha visto...

— Sim senhor, e a proxa é que o conheço perfeitamente! Durmo debaixo da escada, e o senhor acordá-me todas as noites, quando entra.

— É verdade? Pois bem, daqui por diante hei de andar nos bicos dos pés. E que idade tens?

— Nove annos, meu senhor, no dia de Todos os Santos.

— A patáca cá de casa é tua paranta?

— Não meu senhor, estou ao seu serviço.

— E quanto ganhas?

— A sôpa é a cama debaixo da escada.

— E como é que arranjas isso?

— Foi um coice d'uma vacca, quando tinha cinco annos.

— Tens ainda teu pai e tua mãe?

A criança fez-se muito vermelha.

— Vim da casa dos Expostos, — disse em voz rapida.

Depois, tendo-o cumprimentado, entrou para casa coxeando, e o capitão ouviu afastar-se, no lagado do pátio, o ruído secco da perna de pau.

— Com mil raios! pensou o capitão tomando machinalmente o cachimbo do café, aqui está uma coisa que não é do regulamento. Um soldado, ao menos, arranja com elle para os invalidos, com a prateira medalha para comprar tabaco. Um officio não lhe uma pensão e casa-se na provincia. Mas esta rapariguita uma tal en-

fermidade! Aqui está uma coisa que não é do regulamento!

Tendo analysado n'estes termos a injustiça do destino, o capitão chegava ao patamar do seu querido café; mas descobriu uma tal onda de blusas azues, ouviu um tal brulhu de grossas gargalhadas e de carambolas, que voltou para a casa, de mau humor.

O quarto — era a primeira vez que ali passava algumas horas durante o dia — pareceu-lhe sordido. As cortinas da cama tinham o tom d'um cachimbo queimado, a chaminé estava cheia de pontas de charuto, e podia-se escrever o seu nome sobre a posita que cobria os moveis.

Contemplou por algum tempo as paredes, os assentos militares do papel, e depois, para matar o tempo, foi passar em revista o seu guarda-roupa. Era uma lamentavel série de algebeiras rotas, de meias roídas, de camisas sem botões.

— Preciso d'uma criada.

Depois, pensando na coxita:

— Está arrumado. Alugo o gabinete aqui ao lado, o inverno aproxima-se, e a pequena deve gelar debaixo da escada. Olhe pelo meu futo, pela roupa branca, escova o calçado... Um perfeito camarada!

Mas uma nuvem escureceu este quadro confortavel. O capitão lembrou-se que o vencimento do seu trimestre ainda estava longe, e que a sua conta tomava proporções assustadoras no café Prosper.

— Não sou bastante rico. E contudo roubam-me no café, tenho a certeza. A pensão é muito cara e o maldito do veterinario joga como um dambado. Ha oito dias que eu pago todas as bebidas. Quem sabe? Talvez seja melhor encarregar a rapariga de me fazer a cozinha. Sopa de café pela manhã, cozido ao meio dia e algum guisado á noite. Viveres de campanha!

Decididamente, esta ideia tentava-o. Quando sahio, viu a dona da casa, gorda camponesa brutal e rapariguita, de forcado na mão, a removerem o esturmo do pátio.

— Ella sabe coser, ensaboar, fazer uma sôpa? perguntou bruscamente.

— Quem? Pierrette? E para quê?...

— Sabe ella fazer alguma d'estas cousas?

— Ora essa! Sahio ha pouco do hospicio, e lá ensinam-nas a fazer tudo.

— Diz, menina, — acrescentou o capitão dirigindo-se á criança — não te cause medo, pois não? E vocemecê quer-me a ceder? Preciso d'uma criada.

— Se se encarega de a sustentar...

— Então está decidido. Aqui estão vinte francos. Que ella tenha, esta tarde, uma saia e um sapato. Amanhã trataremos do resto.

E depois de ter dado uma palmada na face de Pierrette, o capitão afastou-se, contente do que que acabava de fazer.

Será talvez preciso privar-me d'alguns copos de cerveja e d'alguns absynthos, e fugir á jogatina do veterinario. Mas não ha duvida, é muito mais regulamentar!

IV

— Capitão, o sty é um ingrato!

Tal foi o apostrophe com que as entidades do café Prosper saudaram o futuro as visitas do capitão, dia a dia mais raras.

Porque o pobre homem não tinha previsto todas as consequências da sua boa acção. A supressão do absyntho matinal tinha chegado para cobrir as modestas despesas do sustento de Pierrette; mas quantas reformas não eram ainda necessarias para acudir ás despesas imprevistas da sua vida de rapaz! Cheio de reconhecimento, a rapariga queria provar-lho pelo seu zelo. Já o quarto tinha mudado d'aspecto. Os moveis estavam em ordem e burnidos, o fogão decente, os vidros limpos, e já se não viam teias d'aranha pelos cantos. Quando o capitão entrava, a sopa convidava-o pelo seu perfume desde o patamar da escada, e a vista dos pratos fumando sobre a toalha grossa mas branca, junto d'um vaso com flores e d'um talher reluzindo, acabava de lhe abrir um optimo appetite. Pierrette aproveitava então o bom humor do seu amo para lhe confessar alguma ambição secreta. Eram precisos ferros na chaminé onde agora se fazia fogo, uma fôrma para os pasteis que ella sabia fazer tão bem. E o capitão, a quem os pedidos da creança faziam sorrir e que se sentia dominar docemente pelas voluptuosidades do *de home*, promettia não se esquecer, e no dia seguinte substituir os seus condões por charutos d'um soldado, hesitava diante da proposta d'um *de carité*, ou recusava o terceiro copo de cerveja ou o segundo copo de *chartrouse*.

Certamente a lucto foi longa; foi mesmo cruel. Muitas vezes, á hora d'um aperitivo prohibido pela economia, quando a sede lhe seccava a garganta, o capitão fazia um esforço heroico para não chamar o creado do café; e muitas vezes fugia para não cair na tentação d'uma partida. Mas quasi sempre entrava corajosamente para casa; e como amava ainda mais Pierrette a cada sacrificio que tinha de fazer, até a beijava melhor n'estes dias. Porque a beijava. Já não era a sua criada. Uma vez que ella estava de pé junto da mesa, chamando-lhe: Senhor, e toda cheia de respeito, não se poudo conter, pegou-lhe pelas mãos e disse-lhe:

— Com mil raios! beija-me e depois assenta-te ao pé de mim e trata-me por tu!

Hoje tudo acabou. O encontro d'uma criança salvou este homem d'uma velhice vergonhosa. Substituiu os seus vícios por uma outra paixão; adora esta doentinha que sahia em volta d'elle no quarto comodo e bem mobiliado.

Já ensinou a ler a Pierrette, e lembrando-se da sua calligraphia de sargento-mór traça-lhe lições d'escritura. A sua maior alegria, é quando a criança, atenta diante do papel e fazendo ás vezes um borreão que limpa depressa com a lingua, chega a copiar todas as letras d'um interminavel adverbio em *mente*. O seu pezar é lembrar-se que está velho e que nada deixará á sua adoptiva.

Agora está quasi avarento; anda a fazer peculia; quer privar-se do tabaco, posto que Pierrette lhe encende o cachimbo e lho acenda. Conta fazer economias sobre a sua pensão e comprar mais tarde uma logita. E lá, quando elle morrer, que ella ha de viver obscura e tranquilla, guardando, dependurada na parede do quarto, uma velha cruz da Legião d'honra que lhe ha de lembrar o capitão.

Todos os dias vai passear com ella para os arrabaldes. As vezes passam ao lado d'elles individuos que olham com compaixão para este velho soldado e para esta pobre creança aleijada; e então sentem-se commovido — Oh! deliciosamente, até ás lagrimas, — quando algum d'estes desconhecidos murmura affastando-se:

— Pobre pai! A filha é portanto bem bonita!

FRANÇOIS GONNÉ.



VESPERTINOS

Com este título acaba de se publicar no Porto um volume de versos assignado Bernardo Lucas. — Como vêem, o nome é ainda pouco conhecido, mas nem por isso o livro deixa de encerrar algumas poesias de valor. O sr. Bernardo Lucas vem enfileirando na já grande legião dos discípulos de Junqueiro. Todas as suas poesias são mais ou menos inspiradas da *Monte de D. João* e da *Musa em Férias*, como a que traz por título *Não album*, toda ella uma reminiscência da abertura da *Musa em Férias*. Cada poesia que surge, é um acontecimento litterario que o publico não deve ignorar. Os poetas são as creaturas idolatradas da multidão... São os felizes e os festejados. O que ainda hoje é um ignorado, pó se ser amanhã um astro. É por isso que julgamos do nosso dever dar publicidade a algumas paginas d'este livro...

NA ALDEIA

A noite foi calando. A terra, iluminada
Por um morno luar, como que está cansada,
E procura dormir no seu relesente
Daquelle grande mão, da natureza ingente.
Os arbustos felizes curvam a debil fronte
E, ao outro dia, verão o sol bater no monte
Erguido, sorrindo, a perfumar a aldeia.

Quant me deus poder quebrar esta cadeia,
Que me acorrenta á dô, dormir como os arbustos,
Possuir todo o vigor das vegetaes robustas,
Ser para a dô, como é para o vento o carvalho,
Sentir caber no seio o pranto d'um orvalho,
E, quando o sol erguer-se os matinaes alvares,
Rebentar, como a planta, em um secul de flores!

Erge-se sobre o sol. Nascem no campo as flores.

Alma, sae d'esta noite, em que sã vós dores,
E passai no ar e tua magoa, e canta
Com a fôrça viril d'uma robusta planta
O dia, o sol, o amor, a vida, a primavera
E os vastos pinheirais e os troncos cheios d'hera.

Bebem mais fortemente as boccas das raizes,
Sentem penetrar nos vegetaes felizes
A seiva, que lhes leva a fôrça — e os troncos mia,
Beijados pelo alar castissimo da luz,
Endurecem d'allegria e cobrem-se de folhas.

Alma, finido o arbusto, alma, que te desfolhas
Ao vento da tristeza, aspira a grandes tragos
A vida, que rebenta em plúvis agili, nos lagos,
Nos pinheirais, na rocha e no lúch dos montes,
E, como os vegetaes cobre a horizontes
Os ramos de verdura, — alma triste, descança!
Endurece d'allegria e cobre-se d'espranga!

DEVANEIO

O mundo era inda novo. Um relucte de festa
Espalhava, sereno, uma allegria estranha
Desde o roldão do cômico da floresta
No vasto mar, no céu, no flanco da montanha,
Sentiu-se correr do polygo a baleia,
Do onix pequeno insecto á mais terrível aguilha,
Da fúruge ao leão essa torrente cheia
A que Jehovah dissera, olhando a terra: « Alague-a
O teu poder immenso, o teu poder fecunda. »

Era a vida immodulada em turbilhões o mundo,
Deus olhava o pinhar, que existe no rochedo,
Na pontada, no leão, na rosa immaculada,
E Satan, a correr, saiu d'entre o arvoredo
E, vendo a obra de Deus, soltou uma risada.

Perguntou-lhe Jehovah: « Não vês, pelo horizonte,
Rasgar o claro céu o poderoso abutre
E a fúruge colossal do fero mastodonte
E o tigre que de sangue e de fôrça se nutre? »

Respondou-lhe Satan: « Com meu ardor profundo
Produzirei um ser, que deve subjugar

Tudo o enorme poder, que existe pelo mundo,
Leão e tigre e rocha e céu e terra e mar. »

Deus disse: « Quem d'ôr: Satan não mais esperes,
Não habeddes, nem dor, nem herança o consome.
Nasces procrias Deus, rasgante a atmosphera
E apresentando, rubro, um monarca, um homem.

Jehovah sorriu e disse: « F. bello, com effeito,
Tens muita habilitade, o mundo é que requeir
Eis ser mais poderoso, um ente mais perfeito,
E d'um raio de luz, então, a mulher! »

Bernardo Lucas.

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA.

O nosso estimado correspondente da Lishoa, sr. Duval Corazzi, encetou ha pouco duas novas publicações, que muito honram os trabalhos da sua casa editora, pela perfeita typographia com que estão sendo feitas. Referemo-nos em primeiro lugar ao *Gil Blas*, traduzido do espanhol pelo espirituoso folhetimista Juho Cesar Machado, illustrado de numerosas gravuras, e acompanhando cada fasciculo uma primorosa cromolithographia executada em Barcelona.

A outra publicação é a *Alma Occidentalis*, album photographico e descriptivo do sr. Cunha Moraes, acompanhando duma introdução do sr. Luciano Cordeiro. O album da *Alma Occidentalis*, é também impresso com o maior escriptulo, e cada fasciculo da obra traz duas photographias, excellentemente executadas pela casa Biel, do Porto.

Recomendamos muito particularmente aos nossos leitores estas duas publicações de luxo, sendo a segunda d'um grande interesse em vista das questões que a proposito de Africa se tem levantado em toda a Europa.

BANHOS DE MAR

Não sabem das suas casas sem se municiarem d'um frasco de *Pelivora* que faz desaparecer rapidamente toda a pennagem dos braços e das pernas, communicando-lhes a brancura e a puzada do mármore. Franco contra um vale do corral de os fracos 75 centimos. *Dusser*, inventor, 1, rue L.-J. Rousseau, Paris. — Em Lisboa, perfumarias Godofroy, Rénaud, etc., etc.

EPILATORIOS DUSSEY (Pasta Epilatoria para o rosto; Pelivora, para os braços)

Perfumaria DUSSEY, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau. — PARIS



Esta danta tem-me trazido á memoria por mais d'uma vez os versos de *Ray-Bla*!

... Harribil compagne.

Dout le mouton fleurit...
N'auelles tempos ainda se não tinha inventado os Epilatorios Dussey.

— Hala! que quatro! Parece Uiana no
banho rodado das nymphas.
— Uai! que não vale a pena.
— Oh! a natureza emendando e aformo-
sando pela Epilatoria Dussey.

— Não reconhece?
— Não! mas reconheço.
— Não! a não reconheço. Não um buco.
O *Epilatorio Dussey* — E mela o rosto, braços e pernas.
A *Danta*, d'ora. — E não bom homem que ainda ignora
segredo da *Pasta Epilatoria* e da *Pelivora*.

— Então, acabou por aprender a nadar.
— Nunca tire outro banho sem o de mostrar in-
teresse e a primeira antes de conhecer a *Pelivora*.

— Não é a brancura que entra no *Epilatorio Dussey*.
— *Pelivora* que já não tem este pezo.
— É ainda um milagre da *Pelivora*.

PARIS, IMPRIMERIE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE